

Como fazer a angústia falar na clínica?¹

Maria Helena Martinho

Resumo

Este texto apresenta fragmentos de um caso clínico de uma menina de 9 anos de idade que ilustra uma relação singular entre a angústia e a fobia em dois tempos: em um primeiro tempo, o objeto fóbico desempenha sua função de proteção contra a angústia, substitui a angústia insondável que precede a fobia, serve para metaforizar a angústia, para convertê-la em medo; em um segundo tempo, ocorre uma falha no inteligente mecanismo de defesa, o objeto fóbico não pode mais cumprir a função de proteção contra a angústia, e as graves crises de angústia emergem com toda a sua intensidade. A tradução feita por Lacan no nó borromeano da tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia (1974-1975) é tomada para fundamentar o que se desvela na clínica, a angústia como um transbordamento do real, no campo do imaginário do corpo, em conexão com o gozo do Outro. O texto destaca os efeitos que o trabalho de análise promove sobre a angústia desse sujeito.

Palavras-chave:

Fobia; Angústia; Real.

How to make anguish speak in the clinic?

Abstract

This text presents fragments of a clinical case of a nine-year-old girl which illustrates a unique relationship between anguish and phobia in two stages: in the first instance, the phobic object performs its protective function against anguish, it replaces the unfathomable anguish that precedes the phobia, it serves to metaphorize anguish, to convert it into fear; in the second instance, a failure occurs in the intelligent defence mechanism, the phobic object can no longer fulfil its protective function against anguish and the severe crises of anguish emerge in all their intensity. Lacan's translation in The Borromean Knot of the Freudian triad Inhibition, Symptom and Anguish (1974-1975) is used to substantiate what is re-

¹ Trabalho apresentado no XII Encontro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL) em Paris, em maio de 2024, intitulado "A angústia, como fazê-la falar?".

vealed in the clinic: anguish as an overflow of the real, in the field of the body's imaginary, in connection with the jouissance of the Other. The text highlights the effects that the work of analysis has on the subject's anguish.

Keywords:

Phobia; Anguish; Real.

¿Cómo hacer hablar a la angustia en la clínica?

Resumen

Este texto presenta fragmentos de un caso clínico de una niña de nueve años que ilustra una relación única entre angustia y fobia en dos etapas: en la primera, el objeto fóbico cumple su función protectora contra la angustia, sustituye a la angustia insondable que precede a la fobia, sirve para metaforizar la angustia, para convertirla en miedo; en la segunda, se produce un fracaso del mecanismo de defensa inteligente, el objeto fóbico ya no puede cumplir su función protectora contra la angustia y las crisis graves de angustia emergen en toda su intensidad. La traducción que Lacan hace en el nudo borromeo de la tríada freudiana Inhibición, Síntoma y Angustia (1974-1975) sirve para fundamentar lo que se revela en la clínica: la angustia como desbordamiento de lo real, en el campo de lo imaginario del cuerpo, en conexión con el goce del Otro. El texto destaca los efectos que el trabajo de análisis tiene sobre la angustia del sujeto.

Palabras clave:

Fobia; Angustia; Real.

Comment faire parler l'angoisse dans la clinique ?

Résumé

Ce texte présente des fragments d'un cas clinique d'une fillette de neuf ans qui illustre une relation unique entre l'angoisse et la phobie en deux temps : dans un premier temps, l'objet phobique remplit sa fonction protectrice contre l'angoisse, il remplace l'angoisse insondable qui précède la phobie, il sert à métaphoriser l'angoisse, à la transformer en peur ; dans un second temps, une défaillance se produit dans le mécanisme intelligent de défense, l'objet phobique ne peut plus remplir sa fonction protectrice contre l'angoisse et les crises graves d'angoisse émergent dans toute leur intensité. La traduction par Lacan dans le nœud borroméen de la triade freudienne Inhibition, Symptôme et Angoisse (1974-1975) permet d'étayer

ce qui se révèle dans la clinique : l'angoisse comme débordement du réel, dans le champ de l'imaginaire du corps, en lien avec la jouissance de l'Autre. Le texte met en évidence les effets du travail de l'analyse sur l'angoisse du sujet.

Mots-clés :

Phobie ; Angst ; Réel.

Este texto apresenta fragmentos de um caso clínico de uma menina de 9 anos de idade que ilustra uma relação singular entre a angústia e a fobia em dois tempos: em um primeiro tempo, o objeto fóbico desempenha sua função de proteção contra a angústia; em um segundo tempo, ocorre uma falha no inteligente mecanismo de defesa e as graves crises de angústia são desencadeadas. A tradução feita por Lacan (1974-1975/2022) no nó borromeano da tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia é tomada para interrogar os tipos de amarrações que se desvelam no nó borromeano desse sujeito nesses dois tempos e para identificar os efeitos que o trabalho da análise promoveu nessas amarrações ao fazer a angústia falar.

Mel é levada para análise aos 9 anos de idade porque, segundo os médicos, sofre de transtorno do pânico. Aos 8 anos de idade, sem nenhuma razão aparente, a menina começou a apresentar falta de ar, taquicardia, sudorese, calafrios e tonturas. No início, as crises ocorriam à noite e em casa, mas depois elas foram ficando mais frequentes e intensas, e passaram a ocorrer a qualquer hora do dia ou da noite e em qualquer lugar. As crises se agravaram tanto que a menina precisou ser hospitalizada várias vezes. Os pais contam em entrevistas que aos 6 anos de idade, quando sua irmã nasceu, a menina começou a ter medo de jacaré. À noite, achava que o jacaré estava debaixo de sua cama.

Nas primeiras entrevistas, Mel não menciona as crises de angústia nem a fobia. Essas não são uma questão para ela. Mel vem para se queixar de sua irmã: “ela é uma sujeitinha implicante, mal-humorada, desobediente, que atrapalha minhas brincadeiras, meu estudo, a minha vida”.

Mel costuma exibir para a analista fotos, filmagens e animações que faz da irmã em seu celular. Em determinada sessão, a menina utilizou um recurso para imprimir patas de cachorro sobre uma foto da irmã; as patas emitiam sons, latiam, enquanto pisoteavam toda a superfície da foto, apagando da tela a imagem da irmã. Em seguida, ela exibiu outra foto da irmã, utilizou mais um recurso de seu celular e rabisou toda a superfície da foto, até fazer a irmã desaparecer por completo. Por fim, selecionou outra foto e travestiu a irmã de palhaça. As operações, de alto nível tecnológico, utilizadas em todas as sessões, pareciam ter apenas uma única função: dar um sumiço na irmã, fazê-la desaparecer do mapa, da superfície da Terra, da tela de seu celular, de sua vida.

Durante as sofisticadas operações, a pequena paciente ri, gargalha, goza, evidenciando, assim, o desejo de morte da irmã insuportável. Os *gadgets* de última geração a auxiliam na brincadeira de fazer a irmã sumir sob as patas dos cachorros, dos rabiscos coloridos, da fantasia de palhaça.

Lacan retoma a tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia e a situa em seu nó borromeano em *A terceira* (Lacan, 1974/2022, p. 68) e no *Seminário 22: RSI* (Lacan, 1974-1975/2022, p. 43). Ele observa que inibição, sintoma e angústia são efeitos sucessivamente das “intrusões” (Lacan, 1974-1975/2022, p. 44) do campo do imaginário no simbólico, do simbólico no real e do real no imaginário.

Rithée Cevasco (2021, p. 77) comenta essa tese de Lacan: “O sintoma é uma ampliação do simbólico no real; a angústia, uma extensão do real no imaginário; e a inibição, uma extensão do imaginário sobre o simbólico.” Colette Soler retoma a mesma proposição de Lacan e enuncia:

Lacan escreve no centro do nó borromeano o objeto *a*. Entre o simbólico e o real, o gozo fálico; entre o imaginário e o simbólico, o gozo do sentido; entre o real e o imaginário, o gozo do Outro. A angústia está no nó como um transbordamento do real no campo do imaginário; o sintoma como um transbordamento do simbólico no real, e a inibição como um transbordamento do imaginário no simbólico. (Soler, 2012a, p. 58)

A singularidade do caso de minha clínica evidencia que a relação entre a angústia e a fobia se dá em dois tempos: em um primeiro tempo, aos 6 anos de idade, a fobia de Mel se desencadeia e reúne o trio Inibição, Sintoma e Angústia, em uma espécie de conjunção dos três termos. A fobia é um sintoma — transbordamento do simbólico no real —, portanto amarra o nó do simbólico e do real. O objeto fóbico é um significante, significante do medo (jacaré) enodado ao gozo, que substitui a angústia insondável que precede a fobia. O sintoma fóbico localiza a angústia, metaforiza a angústia de desamparo, converte-a em medo fixado. A fobia é um benefício sobre a angústia, mas o benefício é limitado, porque, ao mesmo tempo, o sintoma é um sintoma de angústia, angústia de castração — transbordamento do simbólico no real —, amarra o nó do simbólico e o do real. A fobia também gera inibição — transbordamento do imaginário no simbólico —, amarra o nó do imaginário e do simbólico, restringe o campo de deslocamento de Mel. Ela não pode sair da cama, porque o jacaré está embaixo dela.

Em um segundo tempo, quando Mel está com 8 anos de idade, a fobia não pode mais cumprir a função de proteção, e as crises de angústia emergem com muita gravidade. Nesse tempo, encontramos um transbordamento do real no campo do imaginário, em conexão com o gozo do Outro, apontando a angústia do real, angústia traumática da existência que irrompe no imaginário do corpo desse sujeito.

Mas o que teria provocado a falha da fobia e o desencadeamento da angústia maior? O caso mostra como o ódio da irmã se transformou na angústia maior, aquela conectada ao gozo do Outro. Encontramos em Mel o sentimento de culpa inconsciente, próprio do masoquismo moral, no qual o padecer é o que importa; “o sadismo do supereu e o masoquismo do eu se complementam um ao outro e se juntam para provocar as mesmas consequências” (Freud, 1924/2006, p. 175), a satisfação mediante castigo e padecimento. Mel expia o ódio da irmã, o desejo de morte da irmã; atuando sua própria morte, fica sem ar, não respira.

Lacan (1974-1975/2022) escreve os três gozos no nó borromeano: o gozo do sentido, situado entre o nó do imaginário e o nó do simbólico, que põe em jogo o imaginário do corpo e as representações a ele associadas; o gozo fálico, situado entre o nó do simbólico e o nó do real, sendo esse um gozo fora do corpo, maquinado pelo significante, que se refere ao do gozo do órgão e a todas as formas de poder; e o gozo do Outro, localizado entre o nó do real e o nó do imaginário, sendo um gozo fora do simbólico, não colonizado pela linguagem, mas não fora do imaginário. Colette Soler observa que esses três gozos correspondem a três ocorrências da angústia:

Ao situar inibição, sintoma e angústia no aplainamento do nó borromeano, Lacan coloca esta última em conexão com o gozo do Outro como angústia do real que irrompe no imaginário do corpo. No entanto, há também uma angústia diretamente conectada ao sentido, e trata-se da angústia das rupturas de sentido. No nível do gozo fálico, estão todas as angústias ligadas ao ter: angústia de impotência, de perda, de fracasso, mas às vezes também de sucesso. No nível do gozo do Outro, a angústia do real, encontramos a angústia da facticidade traumática da existência. Nos três casos, o sujeito é vítima do sentimento de ser reduzido a seu corpo. (Soler, 2022, p. 46)

A angústia conectada ao gozo do Outro, a maior delas, um transbordamento do real no imaginário, é a que acomete Mel aos 8 anos de idade, provocando na menina a sensação de ser reduzida a seu corpo, uma “destituição subjetiva selvagem” (Soler, 2022, p. 43).

Se a angústia é um advento do real, se ela é sentida, se não há palavras para dizê-la, então como fazê-la falar na clínica? Mel entra em análise, associa livremente, fala sobre o ódio da irmã insuportável. O ato de brincar de aniquilar a irmã, de fazê-la desaparecer da telinha do celular e de sua vida promove um alívio da angústia.

Na quarta sessão, Mel, que até então nunca havia mencionado uma palavra sequer sobre suas crises de angústia, fala pela primeira vez sobre elas:

Você sabia que eu estou muito feliz? Eu andava tendo uns trecos muito esquisitos. Eu sentia falta de ar, suava frio, meu coração acelerava, eu ficava gelada, tinha até que ir para o hospital. Agora eu não sinto mais nada. Eu não sei como aconteceu, mas assim, do nada, tudo isso passou.

Retomo aqui a tradução feita por Lacan, no nó borromeano, da tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia, para interrogar: que tipos de amarrações e desamarrações se desvelam no nó borromeano desse sujeito nesses dois tempos, o da fobia e o da crise de angústia? O trabalho da análise promoveu efeito de amarração no segundo tempo, ao fazer a angústia falar?

Antes de tentarmos responder a essas questões, vale lembrar que, embora Lacan (1974-1975/2022) ainda não tivesse recorrido à sua nova escrita “*sinthoma*” no *Seminário 22: RSI*, já naquela época ele fazia alusão ao sintoma em sua função de enodamento, de nomeação, de amarração, distinguindo, portanto, essa função da função de gozo do sintoma. Pode-se verificar com clareza que, no *Seminário 22*, Lacan (1975-1976/2007) já indicava aquilo que iria consolidar no *Seminário 23*, a saber, o que se produzirá com a passagem do nó com três ao nó de quatro é que o Real, o Simbólico e o Imaginário passarão a adquirir o valor de um *sinthoma*, de uma Nomeação. Ao apresentar as coisas dessa forma, Lacan adiciona ao RSI a dimensão *sinthoma*.

Na última aula do *Seminário 22* (13 de maio de 1975), embora Lacan não desenhe o nó borromeano, ele indica com clareza a passagem do nó de três para o nó de quatro, por meio do esquema de quatro vértices. É justamente nesse ponto que ele retoma a famosa tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia, tão valiosa do ponto de vista clínico, para introduzir a seguinte tese: tanto a Inibição quanto o Sintoma e a Angústia correspondem a um quarto elo que enoda Real, Simbólico e Imaginário: a Inibição corresponde a uma Nomeação do Imaginário (Ni), o Sintoma, a uma Nomeação do Simbólico (Ns), e a Angústia, a uma Nomeação do Real (Nr).

O grande problema dessa tese é que Lacan não continuou trabalhando com ela, deixando-a apenas proposta. No final de *RSI*, ele havia anunciado que iria continuar com um seminário que se chamaria 4, 5, 6, mas se deparou com James Joyce e desviou-se desse propósito.

Pode-se observar que, no final de seu ensino, Lacan chama a atenção para a importância da discriminação dos três registros, da identificação de cada uma das três rodinhas por suas letras iniciais, R, I e S, e por sua cor. Sem isso, cairíamos na indistinção dos três elos, ou seja, sem a discriminação, cairíamos no que encontramos no nó de trevo, a continuidade, com uma consistência só, o que caracteriza a paranoia. Daí a importância de discriminar no nó qual elo corresponde a uma ou outra das categorias do Real, do Simbólico ou do Imaginário. Lacan chama a atenção para essa questão no *Seminário 23*:

Expus-lhes a equivalência das três rodinhas de barbante. É notável que a dualidade do nó só aparece se nenhuma dessas rodinhas tiver sua identidade marcada. Marcar a identidade de cada uma, cada uma como tal, seria marcá-las com a primeira letra. Assim, dizer R, I e S já é intitular cada um como real, imaginário e simbólico. Mas o fato notável é que a orientação das rodinhas só é eficaz para situar a distinção dos nós se a diferença dessas rodinhas for marcada pela cor (...). Na medida em que um sujeito enoda a três o imaginário, o simbólico e o real, ele é suportado apenas pela continuidade deles. O imaginário, o simbólico e o real são uma única e mesma consistência, e é nisso que consiste a psicose paranoica. (Lacan, 1975-1976/2007, pp. 51-52)

Em *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Lacan (1975-1976/2007) introduz a noção de *sinthoma* como suplência, que traz como corolário implícito a noção de lapso do nó borromeano. O *sinthoma* é a nomeação do *falasser*, a nomeação do nó, na medida em que o nó é o real do *falasser*. A nomeação enoda, ela é um dizer, ela não é fixa, ela é contingente, ela não está dada para sempre na história do *falasser*, ela pode modificar-se; assim, a análise pode modificá-la. Contudo, já não se pode dizer o mesmo em relação ao gozo do sintoma, pois nesse o núcleo do gozo está fixado, é um núcleo invariável; em relação ao gozo do sintoma, pode haver apenas uma desvalorização desse gozo.

Aprendemos com Lacan que o *sinthoma* como suplência traz implícita a noção de lapso do nó borromeano. O que seria o lapso do nó? Seria aquilo que acontece quando cometemos um erro de ortografia na escrita do nó inicial. O lapso — falha, falência — do nó borromeano com três implica seu desanodamento. O lapso do nó deve ser concebido paralelamente às suplências que o corrigem. Mas o que seria estruturalmente o lapso? Como o lapso se daria na história do sujeito? O lapso teria alguma correlação com o trauma?

Sabemos que Lacan cometeu dois erros quando desenhou o nó borromeano. O primeiro erro ocorreu no *Seminário 20* (Lacan, 1972-1973/2005, p. 170), quando ele desenhou um nó de 13 anéis e disse que era borromeano. Já o segundo erro importante que Lacan cometeu ocorreu quando ele desenhou o nó borromeano no *Seminário 22* (11 de fevereiro de 1975): em vez de empilhar R, I, S, empilhou R, S, I, e isso é um erro. Rithée Cevasco observa que, na lição de 17 de fevereiro de 1976 do *Seminário 23*, Lacan (1975-1976/2007) vai usar seu erro para encontrar aquilo que vai chamar de “nó bom”. É o “nó do neurótico”, o “nó *pépère*”. Lacan volta a fazer o nó, mas agora faz uma escolha (não por erro, mas uma escolha calculada) e elege o empilhamento S, R, I.

Lacan então escreve o “nó bom”, que podemos chamar de “nó lacaniano”, pois foi escrito procedendo a partir do “nó de freudiano” e implica uma mudança de posição. Agora a “meia lua” percorre a borda do elo do simbólico. Trata-se de uma nomeação simbólica e não de uma nomeação real, como era o caso para o “nó de Freud”. (Cevasco, 2021, p. 144)

Vale lembrar que Lacan (1974-1975/2022, p. 88) desenha o “nó de Freud” no *Seminário 22*, no qual encontramos uma nomeação real, o quarto nó; a meia-lua que amarra o nó percorre a consistência do real. No nó borromeano de Freud, esse quarto nó é chamado de Édipo, de realidade psíquica, de Nome-do-Pai. Encontramos o “nó de Lacan” no *Seminário 23* (Lacan, 1975-1976/2007, p. 21), no qual o quarto nó que nomeia, enoda, amarra, a meia-lua que faz a amarração percorre a borda do simbólico. Trata-se de uma nomeação simbólica, e não de uma nomeação real, como no nó de Freud.

Lacan nos ensina que o nó, singular de cada sujeito, pode estar bem-feito ou não. O nó borromeano está bem-feito quando ele se faz segundo a maneira clássica da neurose, em que o *sinthoma* assegura a borromeidade na qual o *falasser* pode suportar, ou seja, o nó bom é o nó borromeano, seja por meio do *sinthoma-pai*, seja por meio de uma invenção singular de *sinthoma* que possa produzir-se, como bem ilustra James Joyce.

Lacan propõe que todo *falasser* está submetido à mesma regra de se situar nas três dimensões do S, I, R; todo *falasser* está marcado pela foraclusão generalizada, foraclusão de sentido do real, o real fora de sentido (a relação sexual não existe). O que isso quer dizer? Isso quer dizer que para todo *falasser* há lapso do nó e necessidade de uma suplência. As crises, que chamamos de desencadeamentos, desenodam o nó borromeano, e os *sinthomas* reenodam, fazem suplências. O *sinthoma* assegura, portanto, a borromeidade na qual o *falasser* pode suportar.

No caso apresentado, um caso de neurose obsessiva, o que poderíamos pensar em relação aos possíveis lapsos e suplências que se desvelam no nó borromeano desse sujeito? Poderíamos considerar que, no primeiro tempo, aos 6 anos de idade, o lapso do nó se coaduna com o nascimento da irmã? Poderíamos considerar que o quarto nó, que reenoda o nó borromeano desse sujeito, fazendo suplência a esse lapso, corresponderia ao sintoma fóbico, a um *Sinthome*, a uma Nominação do Simbólico? E que, no segundo tempo, aos 8 anos de idade, o ódio da irmã, o desejo de morte da irmã, teria provocado um novo lapso no nó, desencadeando a crise de angústia maior, aquela conectada ao gozo do Outro? A Angústia estaria, no segundo tempo, correspondendo a uma Nominação do Real? Ao fazer a Angústia falar em análise, o que pôde operar nesse sujeito? Uma nova amarração borromeana?

O caso apresentado nos possibilita seguir em frente com Lacan na perspectiva da clínica borromeana que amplia o diagnóstico clínico, na medida em que as noções de enodamentos, de lapsos do nó, de suplências dos lapsos, de correções dos lapsos, podem aplicar-se às diversas estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão.

Referências bibliográficas

- Cevasco, R. (com a colaboração de J. Chapuis) (2021). *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana* (Vol. 1). São Paulo: Aller.
- Cevasco, R. (com a colaboração de J. Chapuis) (2022). *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana* (Vol. 2). São Paulo: Aller.
- Freud, S. (2004). 32ª conferencia. Angustia y vida pulsional. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In S. Freud. *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 75-103). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em [1932] 1933)
- Freud, S. (2006). El problema económico del masoquismo. In S. Freud. *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 161-176). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2006). Inibición, sintoma y angustia. In S. Freud. *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 71-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em [1925] 1926)
- Lacan, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito. (Publicação não comercial)
- Lacan, J. (1975). Conferências em universidades norte-americanas: 2 de dezembro de 1975. Massachusetts Institute of Technology. *Scilicet*, 53-63.
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 567-469). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)

- Lacan, J. (2022). *A terceira*. Inédito. (Edição não comercial destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano). (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2022). *R. S. I. O seminário*. Inédito. (Edição não comercial destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano). (Trabalho original publicado em 1974-1975)
- Soler, C. (2012a). *Declinações da angústia. Curso 2000-2001*. São Paulo: Escuta.
- Soler, C. (2012b). *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta.
- Soler, C. (2018). *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller.
- Soler, C. (2022). *Os afetos lacanianos*. São Paulo: Aller.

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024